

## A VOZ FEMININA NA IDADE MÉDIA

Márcia Maria de Melo ARAÚJO, Pedro Carlos Louzada FONSECA  
Faculdade de Letras/UFG, e-mail: marcimelo@gmail.com e pfonseca@globo.com.  
Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de Goiás (Fapeg)

Palavras-chave: pastorelas, voz feminina, Idade Média, Literatura Portuguesa.

### INTRODUÇÃO

Esta comunicação propõe abordar fontes de leitura obrigatórias sobre a situação da mulher na Idade Média, em especial sobre aspectos que, decorrentes dessa situação, promoveram a voz feminina nos poemas trovadorescos, em especial nas pastorelas galego-portuguesas. O período que envolve as cantigas, *corpus* deste estudo, mostra um esboço da incipiente influência da literatura na caracterização da imagem feminina. A remissão às pastorelas pode ajudar a caracterizar e a recuperar a dinâmica do percurso feminino e a sua dicção poética, dentro de um panorama literário exclusivamente centrado em prerrogativas androcêntricas. Para o desenvolvimento desta comunicação, propõe-se uma abordagem a essas fontes, notadamente às pastorelas galego-portuguesas, espécie de composição sobre amores de pastoras.

Especificamente nas pastorelas – textos poéticos catalogados como integrantes das cantigas de amigo, mas também incluídos por alguns entre as cantigas de amor por trazerem, primeiramente, a fala do namorado –, é uma voz feminina que se mostra, por meio de um eu lírico que canta suas tristezas, sua solidão e suas emoções em relação ao amigo (namorado). Entretanto, o autor é um homem – o trovador ou jogral –, cujo imaginário se ramifica pela representação artística e pelo fingimento poético.

Diferente das cantigas de amor, nas quais a presença da imagem da mulher e a ausência do seu corpo estimulavam uma transferência imaginária dos desejos carnis para os desejos do coração, exprimindo o drama passional de uma paixão vivida pelo homem a serviço de uma dama, as cantigas de amigo trazem, em especial, aspectos da condição feminina e a estilização de sua fala, visto que narram a separação da donzela e seu amigo e as circunstâncias em que acontece a partida.

Esse distanciamento proporciona ao homem medieval controle dos instintos e do corpo, aprendendo a dominá-los e, conseqüentemente, sublimá-los em motivos mais elevados convalidados no tratamento e na satisfação ao nível do poético. Desse modo, situar a mulher ou o espaço ocupado por ela na literatura, sua imagem e questionamentos através do gênero lírico, em que as pastorelas servem de fonte para a análise desse perfil, contribui para compreensão do pensamento medieval e seus resquícios na contemporaneidade.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

É inconteste que, entre as numerosas investigações científicas consagradas aos ritos, mitos e às obras populares líricas e épicas, as pastorelas ocupam um lugar modesto. Mesmo nessas condições, a natureza específica das pastorelas aparece deformada, porque são-lhe aplicadas ideias e noções alheias à sua especificidade, uma vez que se formaram sob o domínio da cultura e da estética burguesas dos tempos modernos. Isso permite poder afirmar, sem exagero, que a profunda originalidade dessa antiga arte não foi ainda, de todo, revelada. No entanto, sua amplitude e importância na Idade Média eram consideráveis, conforme reportam Saraiva e Lopes (1955).

O ideal de cortesia coloca em evidência as mulheres, contudo o amor aparece como tema central. O amor cortês integra a imagem da mulher no jogo intelectual dos poetas. E aqui se abre uma problemática sobre a valorização da mulher e sua imagem: Por que apenas um grupo particular de mulheres foi posto em evidência? Por que a evocação, em última análise, enfatizava a imagem e não a mulher em si?

Assim para responder os questionamentos presentes nesta investigação, propõe-se a seguinte metodologia: a pesquisa tem como direcionamento as pastorelas de Airas Nunes e D. Dinis, orquestrando como meta a construção da imagem da mulher dessa época (NUNES, 1928). Para tanto, três caminhos distintos, porém complementares, se fazem necessários. Um, trata da situação, do comportamento e hábitos relacionados à mulher no mundo governado por homens. Para completá-lo, o pensamento de medievalistas e estudiosos de fontes históricas. O segundo caminho é o da projeção da imagem da mulher nesse período, com

relevância à questão da sexualidade feminina e da moral cristã, complementado pelas principais fontes de pensamento misógino e derogatório sobre a mulher. O terceiro trata-se da análise, com as imagens da mulher ora calada e passiva, ora não tão passiva e como ela se encontra nas cantigas que compõem o *corpus* deste trabalho. Portanto deve-se destacar a leitura de alguns dos mais importantes pontos de vista de filósofos, de religiosos, de teólogos e de moralistas dessa época que escreveram sobre a mulher, entre os quais, ressaltam-se Aristóteles (1963), Galeno (1968), Santo Ambrósio (1961) e Santo Agostinho (1996).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a leitura das pastorelas, alguns questionamentos se fazem presentes quanto ao que os artistas dessa época apresentam em suas cantigas, entre os quais intriga saber por que esses trovadores se ocultam atrás de uma voz feminina. Além disso, essa voz abrange com que profundidade o universo feminino? Ocorre um fingimento poético ou uma tentativa de contraposição da identidade masculina sobre a feminina? Como se estabelece a auto-representação do desejo no discurso poético para que o feminino se determine? Como se resguarda o discurso falocêntrico regido pela ordem patriarcal, dominante no período medieval, a fim de que se possibilite o surgimento de uma fala feminina, já que esta não tem direito a razão, pois não falar é não ter razão? Essa voz, então, representa os conflitos latentes e os desejos não manifestos da mulher? A rigor, a construção ou elaboração discursiva da mulher pode ser vista como uma tentativa de desconstrução de uma experiência vivida, que se reorganiza pela mediação da linguagem e se estrutura pelas representações inconscientes do desejo (no caso, desejo masculino)?

Esses questionamentos movem o carro-chefe desta comunicação e incentivam investigar a construção da imagem da mulher na Idade Média a partir da observação preliminar da situação, costumes e comportamentos que a envolveram, junto aos primeiros povos formadores da sociedade europeia. Os costumes e crenças, concomitantemente a interpenetração de certos hábitos, denotam, na medida em que se tornam patentes na vida comunitária, peso considerável na concepção da imagem da mulher daquela época. Portanto, o estudo de fontes a

respeito da mulher é imprescindível para o levantamento de como esta vivia e como era tratada.

No estudo da imagem da mulher na Idade Média, dois pontos de vista opostos coexistem e se sobressaem: o da mulher essencialmente má e outro da mulher invocada a ser perfeita. No primeiro, singularmente sobressai a imagem de Eva e, no outro, o de Maria. Na cultura cristã, são nos textos bíblicos que, geralmente, os moralistas, tanto clericais quanto seculares, buscam fundamento para, a partir de Eva e de outras mulheres malsãs, construir a sua postura misógina, não raras vezes de cruel derrogação. São Jerônimo, um dos pioneiros da patrística medieval, nutriu um desprezo doentio pelas mulheres, comentando em seu *Adversus Jovinianum*, que elas são o princípio de todos os males, por seduzirem os homens aos prazeres viciosos e não virtuosos (BLOCH, 1995).

Paradoxalmente, no período trovadoresco, essa ideia de São Jerônimo, convivia com o culto incentivador da mulher à perfeição, encabeçado pela inderrogável Virgem Maria. E a produção poética do período, vacila na oscilação entre esses dois polos opostos de consideração. No concílio de Éfeso, em 431, Maria foi proclamada “Mãe de Deus”, pois anteriormente era chamada de “Mãe de Cristo”. Ressoando esse paradoxo, no século XII, Santo Anselmo e Abelardo celebraram, com regozijo, essa nova reabilitação virginal de Eva. No tratado *Cur Deus homo*, Santo Anselmo encoraja as mulheres vítimas da queda da sua primeva progenitora, Eva, pela reabilitação redentora de uma nova Eva, saudada como Ave Maria. Essa extraordinária popularidade do culto marial depois do século XII é atestada nos sermões, tratados e poemas escritos em louvor da Virgem (MACEDO, 1999).

Em meio a essas fontes ora misóginas, ora redentoras, desenvolveu-se uma grande quantidade de obras literárias de vários gêneros como poesias, baladas e romances. Entre os séculos XII e XIV, no meio religioso, nas cortes aristocráticas e no meio urbano, desenvolve-se ao lado do trovadorismo do amor cortês os cantares dos trovadores das cantigas de amigo, tendo Galícia e Portugal como centros de referência dessas composições galego-portuguesas. As cantigas de amigo galego-portuguesas representam o mundo das ações e emoções femininas, fruto de um fingimento poético porque a voz do eu lírico opera a sentimentalidade feminina por meio de uma autoria masculina: é o trovador que oferece um perfil das relações amorosas e sociais, envolvendo a mulher do campo, como as pastorelas, e a da

cidade. É forte nesses tipos de cantigas a presença do diálogo, quer diretamente, ou disfarçado na sua forma de monólogo, apontando para a vida cotidiana da mulher, nos seus anseios alegres ou tristes, eufóricos ou decepcionantes, via de regra relacionados à satisfação amorosa.

## CONCLUSÕES

Desta maneira, o maior campo de pensamento feminino pertence à literatura. Daí a importância de eleger-se o referencial bibliográfico que amplia o estudo do *corpus* deste projeto. Somam-se a isso que a leitura e a observação das fontes bibliográficas, com o intuito de se realizar um estudo mais ampliado das questões aqui tratadas, podem permitir uma maior compreensão desse período e também do próprio viver contemporâneo. Por outro lado, pretende-se desenvolver a visão crítica através da análise e reformulação dos temas históricos, por meio de um tratamento desmistificador da ideia de que a Idade Média foi um período unicamente antifeminino como a produção teológica faz crer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- AMBROSE, St. De Paradiso. In: \_\_\_\_\_. *Hexameron, Paradise, and Cain and Abel*. Trad. J. J. Savage, FOC, xlii. New York: Fathers of the Church, 1961.
- ARISTOTLE. *Generation of Animals*. Trad. A. L. Peck. London: Heinemann, and Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1963.
- BLOCH, R. Howard. *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Trad. Claudia Moraes. Rio de Janeiro: 34 Literatura, 1995.
- GALENO. *Galen: On the Usefulness of the Parts of the Body*, ii. Trad. Margaret Tallmadge May. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1968.
- MACEDO, José Rivair. *A mulher na Idade Média*. São Paulo: Contexto, 1999.
- NUNES, J. J. *Cantigas d'Amigo dos Trovadores Galego-portugueses*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1928.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto, 1955.